

Título do Projeto: Aceleração social do tempo, tecnologias e erosão da comunicação: horizontes possíveis

Autoria: Profa. Michelle Prazeres.

Período de duração: 2021 a 2023.

Palavras-chave: Aceleração. Velocidade. Tempo. Tecnologias. Inovação. Digital. Cibercultura. Ambientes digitais.

Este projeto parte de uma premissa: a comunicação, compreendida como “fazer organizativo das mediações imprescindíveis ao comum humano” (SODRÉ, 2014) está em erosão. Este processo de degradação está relacionado, entre outros fatores, à lógica da aceleração social do tempo - compreendida enquanto regime temporal hegemônico da atualidade (ROSA, 2019) – e suas reverberações, efeitos, entrecruzamentos e interfaces com outros campos sociais.

Considerando as tecnologias enquanto elementos materiais e simbólicos do campo comunicacional, na medida em que são (1) recursos; (2) repertório; e (3) componentes centrais da cultura contemporânea; entende-se que a velocidade é (1) engrenagem da ação “modernizante” dos múltiplos campos sociais; e (2) um dos valores fundamentais da cibercultura “embutido” nos dispositivos tecnológicos e “carregado” por estes para os ambientes que os adotam.

O empenho atitudinal aqui é, portanto, constituir um olhar para a Comunicação e seu entrelace com a aceleração técnica, das transformações sociais e do ritmo de vida.

Tal trabalho se constrói a partir de pelo menos três perspectivas: (1) a desnaturalização da velocidade como elemento “inevitável” dos ambientes digitais; (2) a crítica ao uso compulsório das tecnologias; (3) a análise das potências da comunicação para a construção processos sociais (e produções simbólicas midiáticas) mais “humanos”.

Busca-se, portanto, uma atitude cognitiva para desenvolver olhares e percepções para a Comunicação na perspectiva do diálogo e da construção e organização do comum.

Nesta empreitada de *desver*, rever e reescrever a Comunicação, entende-se que o tempo deve ocupar um lugar basilar. Desta forma, este projeto reivindica um lugar orgânico para esta temática nas teorias da comunicação, buscando trazer o tempo e as temporalidades e seus aspectos específicos como questões centrais para a reflexão sobre a Comunicação na contemporaneidade.

O “empenho ético-político (da pesquisa em comunicação)” proposto por Sodré (2014) nos sugere que é preciso compreender as tramas da comunicação para além das resultantes sociotécnicas de modo a atuar na complexidade dos sistemas digitais de maneira redescritiva, crítica, criativa e dentro de um horizonte de autoquestionamento. É preciso conhecer as máquinas para entender os humanos e, nesta tarefa, o tempo é componente essencial. Ou, como sugere Sodré (2014), refletir sobre “novos modos de ser humano num mundo de tecnologias totalizantes”.

O objetivo deste projeto é organizar referências relacionadas à discussão do tempo, das temporalidades e da aceleração da comunicação em sua interface com as tecnologias e com a cibercultura; e, amparando-se em tais concepções, dar início a um mapeamento de

ações, iniciativas e reflexões que podem constituir um campo de investigação sobre as dromoresistências.

Este percurso se inspira no que sugere Virilio (1996): a composição de uma dromologia - uma espécie de ciência da velocidade e da aceleração; e se apoia na reflexão sobre a cibercultura em Trivinho (2007), que promove a compreensão do entorno tecnológico e da orquestração simbólica relacionada à velocidade como valor positivo na contemporaneidade, marcada pelo regime da *dromocracia*.

A dromocracia seria o regime social, político e cultural que rege a contemporaneidade e que tem na velocidade seu epicentro descentrado. Da compreensão da dromocracia, decorrem outras interpretações e aplicações como, por exemplo, a noção de dromoaptidão, que diz respeito às competências que os indivíduos devem desenvolver para existir e se relacionar neste universo. Ser dromoapto não é ser veloz. A dromoaptidão é a incorporação da violência epocal, a velocidade. Trata-se, portanto, da aquisição e da incorporação do conjunto de senhas infotécnicas necessárias para acessar ambientes tecnológicos, mas também de contratos sociais imprescindíveis para a sociabilidade e a socialização de indivíduos em qualquer ambiente, na medida em que a vida em sociedade é indexada pela velocidade.

Tal reflexão proporciona um olhar para a velocidade enquanto violência, presente enquanto dinâmica social que ganha corpo e força apoiada em um poder comunicacional vigente, sem um centro emissor evidente, mas que se espraia na sociedade como um “oceano dromológico invisível de fluxos simbólicos e imaginários” (TRIVINHO, 2007) que conforma, por sua vez, uma ambiência (material e simbólica) da qual é difícil escapar. A crítica a este *modus operandi* se impõe como condição teórica e prática necessária para vislumbrar-se outros cenários possíveis.

Esta crítica é encampada também por Rosa (2019), quando afirma que a aceleração é o motor da alienação. O autor enumera três dimensões da aceleração: (1) a aceleração técnica, que compreende a utilização de aparatos técnicos e tecnológicos para encurtar o tempo gasto em atividades como transporte, produção, comunicação etc.; (2) a aceleração das transformações sociais, que compreende o aumento do ritmo de transformações nas estruturas políticas, culturais, religiosas, científicas etc.; e (3) a aceleração do ritmo de vida, que concerne ao aumento da frequência de ações e vivências por unidade de tempo, gerador da sensação de falta de tempo.

Esta investigação buscará compreender que papel as tecnologias exercem neste ciclo de consagração da velocidade como violência e regime estrutural. Acredita-se que por se tratar de sistemas culturais, amparada nos “recursos tecnológicos”, a “ideologia tecnológica” circula entre campos, agentes e instituições, ancoradas no desejo do progresso, do avanço e do desenvolvimento. A nossa visão de desenvolvimento e progresso está *linkada* à nossa visão de tecnologia. E por isso a crítica da tecnologia é uma tarefa tão necessária, mas que nos drena para a zona ludista dos “anti-progresso”, segundo Morozov (2018).

Espera-se, com este projeto, caminhar por onde sugere HUI (2020): rearticular a questão da tecnologia, “de modo a vislumbrar a existência de uma bifurcação de futuros tecnológicos sob a concepção de cosmotécnicas diferentes” (p.39). Isso, porque a “tecnologia moderna sincroniza histórias não ocidentais no eixo de tempo global da

modernidade ocidental” (p.85). Para escaparmos desta sincronização trazida pelo eixo de tempo global da modernidade ocidental, precisamos desacelerar (p.87).

Se a peculiaridade epocal contemporânea é a dromocracia, se o *fast* se impõe como lógica totalizante do capitalismo avançado, o *slow* se apresentaria como categoria que pode representar um “dique de contenção” à força da onda aceleratória e enquanto atitude dromoresistente possível?

Tendo isso em vista, vamos buscar identificar práticas de comunicação e temporalidades na educação, nas organizações e movimentos sociais, na academia e na pesquisa em comunicação, onde acreditamos que existe terreno fértil para dromoresistências.

Os procedimentos metodológicos preveem um levantamento bibliográfico inicial para a construção de uma compreensão a respeito das relações entre comunicação, tecnologias e aceleração social do tempo. A partir deste território reflexivo, a experiência observante deve elencar práticas de comunicação que constituirão um primeiro mapeamento de práticas dromoresistentes. A continuidade da pesquisa prevê um olhar aprofundado para tais práticas, de modo a compreender as lições que elas podem oferecer para a reivindicação de um novo lugar para o tempo e as temporalidades na pesquisa em Comunicação.

Algumas perguntas que nos movem são: que contribuições a pesquisa pode oferecer para reafirmar a Comunicação como prática organizadora do comum? Que interfaces a Comunicação estabelece com outros campos sociais (como a educação, a saúde, a religião, o esporte, a política, as organizações, o mercado, a família, etc) e que estão sendo indexadas pelas tecnologias digitais como instrumentos e pela velocidade como lógica? Como pensar e praticar a comunicação em contexto de hiperinformação, desinformação e infociação? Como se representa e se transforma o mundo das tecnologias? É possível pensar em uma inovação movida por uma ética humana? É possível pensar em uma experiência humana (e não apenas “de usuário”) nos ambientes digitais? Qual seria o tempo comunicacional organizativo do social e do comum não mercadológico e, portanto, não funcionalista?

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Ed. Elefante, 2016.

CONTRERA, Malena Segura. **Sobre a Ponte Inexistente**. Revista Ghrebhv, v. 2, n. 10, 2007. Disponível em: http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2010/02_apresentao.pdf

_____. **Vínculo Comunicativo**. In: MARCONDES FILHO, C. J. R. (Org.) Dicionário de comunicação. São Paulo: Paulus, 2014.

De MASI, Domenico. Alfabeto da sociedade desorientada: para entender o nosso tempo. Tradução Silvana Cobucci. Federico Carotti. 1a ed. São Paulo: Objetiva, 2017.

FERRARA, Lucrécia DAlessio. A comunicação que não vemos. São Paulo: Paulus, 2018.

- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. São Paulo: Vozes, 2018.
- _____. *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*. São Paulo: Vozes, 2021.
- _____. *Sociedade da transparência*. São Paulo: Vozes, 2018.
- _____. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HONORÉ, Carl. *Devagar*. São Paulo: Record, 2005.
- HUI, Yuk; traduzido por Humberto Amaral. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- KÖHLER, Benedikt; DAVID, Sabria; e BLUMTRITT, Jörg. *The Slow Media Manifesto*. 2010. Disponível em: <https://www.slow-media.net/manifest>
- LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro. A Questão da Comunicação. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 17–26, 2019. doi: 10.31657/rcp.v3i5.87. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/87>
- _____. *Nova teoria da comunicação, v. 1: o rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico*. São Paulo: Paulus, 2013.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais*. São Paulo: Vozes, 2014.
- MIKLOS, Jorge; ROCCO, Agnes de Sousa Arruda. *Ecologia da comunicação: desafios para a concepção de uma comunicação social cidadã*. *Revista PAULUS*, v. 2, p. 93-110, 2018. Disponível em: <http://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/44/54>
- MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002. 2a edição: fevereiro de 2012.
- MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Traduzido por Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- PRAZERES, Michelle. *A moderna socialização escolar: um estudo sobre a construção da crença nas tecnologias digitais e seus efeitos para o campo da educação*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.48.2013.tde-10102013-113416
- _____. *COMUNICAR DEVAGAR: Como o ensino, a pesquisa e a prática de Jornalismo podem se inspirar no movimento slow para desacelerar*. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Casper Líbero*. JUL. / DEZ. 2017. Disponível em: <https://revistalibero.casperlibero.edu.br/sem-categoria/comunicar-devagar-como-o-ensino-a-pesquisa-e-a-pratica-de-jornalismo-podem-se-inspirar-no-movimento-slow-para-desacelerar/>
- _____. *Jornalismo lento – Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais*. *Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM*. v. 2, n. 4, 2018. Disponível em: <http://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/71>

PROSS, Harry. Aceleração e perda. Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. São Paulo, outubro/2002 n. 01. Tradução: Norval Baitello Jr. Disponível em <http://cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%201/09_pross.pdf>

RAUCH, Jennifer. Slow Media: Why Slow is Satisfying, Sustainable, and Smart (English Edition). Oxford: Oxford University Press, 2018.

ROMANO, Vincente. Ecología de la comunicación. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1998.

ROMANO, Vincente. Ordem natural e ordem cultural do tempo. CISC. s/d. <http://www.caduxavier.com.br/mackenzie/arq/5/ordemnatural.pdf>

ROSA, Hartmut. Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade. Tradução: Rafael Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SILVEIRA, Rafael H. Resenha do livro Aceleração e alienação: esboço de uma teoria crítica da temporalidade na modernidade tardia, Harmut Rosa. Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Revista de Estudos Culturais. Número 2. Disponível em http://www.each.usp.br/revistaec/sites/default/files/pdfs/07-resenha-rafael_silveira.pdf

SODRÉ, Muniz. A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TRIVINHO, Eugênio. A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática contemporânea. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Poder comunicacional vigente. Comunicação, Glocal e Cibercultura: bunkerização da existência no imaginário mediático contemporâneo. Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. http://www.compos.org.br/data/biblioteca_634.pdf

VIRILIO, Paul. Velocidade e política. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WOLTON, Dominique. Informar não é comunicar. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

ZUBOFF, Shoshana. A Era do Capitalismo de Vigilância. São Paulo: Intrínseca, 2021.